

## MULHER, POLÍTICA E PODER NO DISCURSO DA MÍDIA: EFEITO(S) DE HISTERIA(?)

Dantielli Garcia<sup>1</sup>

Fernanda Lunkes<sup>2</sup>

### Considerações iniciais

O presente trabalho visa situar os processos de produção de sentidos no *discurso sobre* (MARIANI, 1998) a mulher que ocupa cargos de poder e volta-se, especificamente, ao discurso *sobre* Dilma Rousseff em relação ao *discurso sobre* Michel Temer. Para tanto, elegemos como objeto de análise duas capas da Revista *Isto É*: as edições nº 2417, de 06 de abril de 2016, e nº 2423, de 13 de maio de 2016, que circularam no período do *impeachment*.

Buscamos compreender como, nas materialidades significantes em análise, são produzidos efeitos de desqualificação/despreparo/incompetência de Dilma para o cargo com a produção de dizeres que podem deslizar para a ordem da histeria da ex-presidenta do Brasil.

Iniciamos abordando o(s) poder(es). Para tanto, retomamos esse verbete no *Dicionário crítico do feminismo*. Nele se afirma que, diante do princípio de sujeição que une as mulheres aos maridos, estas foram excluídas historicamente da possibilidade de ascender socialmente e ocupar posições relacionadas a poder na formação social. Condições como liberdade e independência compõem como obstáculos que contribuem para a manutenção desigual nos acessos e nas posições a serem ocupadas pelos sujeitos.

Os movimentos feministas, sobretudo no século XX/XXI, assumem tais condições históricas de opressão e as inserem nas pautas de luta a partir da desconstrução de um imaginário que sustenta essas relações, possibilitando, assim, políticas de transformação. Um deslocamento produzido no imaginário da/sobre a mulher ocorreu diante da emergência de espaços institucionais e de políticas públicas voltadas aos direitos das mulheres, o que as levou a cargos políticos que eram até então ocupados exclusivamente por homens.

Um aspecto fundamental que pode ser destacado a partir desse estudo é como os discursos sobre a mulher no poder ainda se sustentam na rede de já-ditos sobre a histeria/a mulher histérica. Por isso, precisamos retomar um modo de compreensão da histeria da perspectiva psicanalítica. Um percurso breve e cujo intuito é depreender como, nos dizeres das capas analisados, há a tentativa de enlaçar a posição de presidenta ocupada por Dilma Rousseff aos sintomas histéricos, considerando-se a algo construído

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Linguísticos/UNIOESTE. Bolsista Produtividade Fundação Araucária.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos de Linguagem/UFSB. Líder do Grupo de Pesquisa MiDi - Mídia e(m) discurso.

socialmente como o que seria típico do feminino. Já em relação a Michel Temer, um outro efeito parece se produzir nas capas, que resumimos neste momento como a uma força masculina.

Com base nos estudos de Roudinesco e Plon (1998, p. 337-338), podem-se depreender movimentos de sentidos na noção de histeria, que neste texto serão mencionados. Na Antiguidade, sobretudo, em Hipócrates, a histeria era vinculada a uma doença orgânica especificamente feminina, determinando um caráter irracional à mulher. No Renascimento, o discurso religioso estabelece uma relação entre o corpo feminino histórico com feitiçaria e possessão demoníaca, o que, conseqüentemente, é razão suficiente para a condenação à fogueira inquisitória.

No século XVIII, a histeria é abordada cientificamente como uma “doença dos nervos”. Já na segunda metade desse século, com os estudos de Jean-Martin Charcot, a histeria é tratada como uma neurose, subentendida como uma causa traumática de ordem genital; só nesse momento os homens são relacionados a esse quadro.

A partir de Charcot, Freud, entre 1888 e 1893, forja o conceito para a histeria, primeiro como resultado de um trauma sexual, depois a partir da noção de *fantasia*, evidenciando que o trauma não era de uma ordem física, mas sim de uma ordem psíquica.

Nos textos midiáticos/jornalísticos, os sentidos de histeria apagam a questão da realidade psíquica em termos das histórias (sejam realmente vividas ou fantasiadas) do sujeito (sejam homens ou mulheres), para relacioná-los a sentidos de loucura, desequilíbrio, não controle das emoções/ações. Há o esvaziamento de um traço que relaciona a histeria a um sofrimento psíquico do sujeito, o qual deveria ser tratado em um processo analítico singular, para enlaçá-lo a sentidos que vulgarizam a histeria e, conseqüentemente, os sujeitos acometidos por tal neurose.

A esse efeito de vulgarização da histeria, vale salientar que, em geral, a mídia o relaciona comumente às mulheres. São as mulheres que são retratadas como histéricas a partir da retomada de gestos que, no corpo discursivo (LEANDRO-FERREIRA, 2011), inscrevem esse efeito de evidência de mulher histérica.

A partir dessas breves considerações, vejamos como alguns desses efeitos funcionam em nosso material de análise.

### **A/O presidenta/e e(m) diferentes sentidos**

O processo de golpe/*impeachment* aprofundou a radicalidade dos discursos de direita; apoiados pela grande mídia, tais discursos imbricam diferentes lugares discursivos, abordando sobretudo a sexualidade de Dilma como estratégia para a uma (suposta) crítica ao lugar discursivo de presidenta, que é silenciado. Em diferentes formas materiais (imagética e linguística), depreende-se como regular a mobilização do corpo discursivo de Dilma Rousseff em uma perspectiva sexual.

Inúmeras vezes se questionou nos discursos midiáticos/jornalísticos favoráveis ao golpe se a ex-presidenta seria ou não uma mulher homossexual. Nesses dizeres machistas, reforça-se o imaginário de que a mulher agiria de um modo agressivo em virtude de não ter um parceiro masculino. No funcionamento de uma memória (PÊCHEUX, 1999), o modo como agiria Dilma Rousseff se relacionaria à sua privação sexual, que representa um outro possível efeito de vulgarização da histeria: a ausência de um parceiro e, em consequência, de um prazer relacionado à sexualidade, produziria uma espécie de falta cujo resultado seria a produção de uma amargura que ecoaria nas falas e gestos da mulher pela agressividade.

O período antecedente à aprovação da abertura do processo de golpe se marca, também, pela regularidade na produção dos efeitos de histeria, como é o caso do discurso da revista *Isto É*. Na capa de 06 de abril de 2016, o gesto de enquadramento privilegia o rosto da então presidenta e traz como manchete principal “As explosões nervosas da presidente”. O termo ‘enquadramento’ é mobilizado para colocar em questão uma característica da fotografia – plana e enquadrada (AUMONT, 2006) e designa, ao mesmo tempo, os sentidos privilegiados pelo discurso jornalístico, aquilo que comparece como possível e necessário de se dizer e mostrar a partir de condições de produção determinadas.



Fonte: Isto É, n.º 2417

No subtítulo da matéria de capa, lê-se: “Em **surtos de descontrole** com a iminência de seu afastamento e **completamente fora de si**, Dilma **quebra móveis** dentro do palácio, **grita** com subordinados, **xinga** autoridades, **ataca** poderes constituídos e **perde (também) as condições emocionais** para conduzir o país” (destaques nossos).

“Surtos”, “fora de si”, “quebra”, “xinga”, “ataca”: formas materiais que compõem os “sítios de significância” (ORLANDI, 1998) e fornecem ao leitor o que é considerado como acontecimento jornalístico sobre Dilma na posição de presidenta. Dela-Silva (2015, p. 05), em suas pesquisas, opacifica a imagem de neutralidade e objetividade construída sobre e pelo discurso jornalístico; propõe, dessa forma, a noção de ‘acontecimento jornalístico’: “uma prática da/na mídia que instaura discursividades, produzindo efeitos de sentidos para e por sujeitos, em determinadas condições de produção.”

Os verbos atuam como pontuações que inscrevem os efeitos de evidência de histeria no gesto de enquadramento do rosto de Dilma (olhos arregalados, boca aberta, atuando em aliança aos sentidos de que tem “surto”, que está “fora de si”, “quebra”, “xinga”, “ataca”). A imagem do rosto atua para a consolidação dos efeitos de descontrole e uma conseqüente incapacidade da então presidenta para as funções que exerce no cargo.

Deve-se relembrar o caráter de verdade que a fotografia assume na área do jornalismo. Nas palavras de Bahia (2009, p. 147), “A máquina é um prolongamento do olho para captar o verdadeiro fato, aquele que se situa em relação ao que se percebe”. Depreende-se desse fragmento uma relação direta entre a máquina e o acontecimento, silenciando a constituição e a filiação ideológicas do sujeito que faz o registro imagético, o que, por sua vez, significa na parcialidade no gesto de enquadramento.

Eleger o rosto como único elemento de capa funciona como comprovação do que se é, do que se sente. De uma perspectiva histórica, Courtine e Haroche (2016) afirmam que “o rosto é ao mesmo tempo o lugar mais íntimo e mais exterior do sujeito, aquele que traduz mais diretamente e da maneira mais complexa a interioridade psicológica e também aquele **sobre o qual recaem as mais pesadas restrições públicas**” (COURTINE & HAROCHE, p. 245, destaques nossos). Na relação com a materialidade linguística, que atua como pontuações para a evidência da histeria, produz-se uma consolidação dos efeitos de um descontrole e uma conseqüente incapacidade da então presidenta e, portanto, para a necessidade de ser retirada do cargo.

Após a aprovação da abertura do processo de golpe *impeachment* e o conseqüente afastamento de Dilma, a revista *Isto É*, em 13 de maio de 2016, traz a seguinte capa:



*Isto É*, n.º 2423

O gesto de enquadramento produzido sobre Michel Temer faz comparecer também o gabinete do governo, seu espaço oficial de trabalho. Esboçando um brando sorriso, seu rosto é apoiado por uma das mãos e seu olhar se volta para o horizonte, fora da captura da máquina. A capa traz o seguinte texto para a

matéria: *Com Dilma e o PT fora do governo, Michel Temer assume a Presidência e renova a esperança dos brasileiros. Confirmado o impeachment, ele terá pouco tempo para recolocar o País no rumo.*

Entendemos que é preciso avançar no questionamento acerca dos efeitos produzidos sobre para o que olham Temer e Dilma (para alguém, para o futuro?), cabe, nesse jogo de sentidos, interrogar-se para como olham cada um desses sujeitos, já que o rosto não deixa de retomar já-ditos e de inscrever um imaginário.

Pelas capas, temos o homem - o presidente golpista - com ares de temperança, moderação, autocontrole, capaz de colocar o Brasil no rumo e renovar as esperanças do povo brasileiro. Já a mulher - presidenta legitimamente reeleita - o descontrole de si, a não contenção, o excesso capaz de quebrar móveis, de xingar, de gritar. Em resumo, efeitos de uma mulher histérica que deve ser contida e retirada do cargo mais alto de seu país por meio de um golpe político-midiático e voltar para o “recato e docialidade do lar” para que lá contenha suas emoções.

Para finalizarmos, mais do que um golpe político-midiático, o que muitas vezes sustenta a exigência de retirada de Dilma Rousseff da presidência é o patriarcado, a misoginia, que insistem em sustentar e fazerem circular dizeres que indicam o que pode ou não as mulheres. Apesar das lutas e de várias conquistas, as mulheres, em pleno século XXI, correm o risco, no Brasil, ao ocupar o cargo máximo de um país, de terem uma imagem construída na mídia de não terem as condições emocionais necessárias, como o autocontrole, o domínio de si, para conduzirem com competência a função que exercem; os efeitos de histeria e loucura espreitam os espaços que ocupam. Assim, parece restar a estas serem esposas, estarem no lar e viverem às sombras de seus maridos que, como leões, podem, em algum momento, perder o controle, mas, como homens, sabem em que momento agir e quando o fazem sabem fazê-lo com moderação e temperança para o bem do país.

## REFERÊNCIAS

- AUMONT, J. Imagem. In: AUMONT, J. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. 2. ed. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 160-161. Tradução de: *L'image*, 1990.
- BAHIA, J. *História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 3. ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. Tradução de: *Le Deuxième Sexe*, 1949.
- COURTINE, J. J.; HAROCHE, C. *História do rosto: exprimir e calar as emoções (Do século 16 ao começo do século 19)*. Trad. Marcos Penchel. Petrópolis: Vozes, 2016. Tradução de: *Histoire du visage – Exprimer et taire ses émotions (XVI<sup>e</sup>-début XIX<sup>e</sup> siècle)*, 2007.
- CASIMIRO, F. H. C. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. In: GALLEGOS, E. S. (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 41-45.
- DELA-SILVA, S. Sobre a mídia e os seus arquivos: o sujeito mulher como acontecimento jornalístico. *Anais do VIII SEAD: Análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas*. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/7SEAD/SIMPOSIO03/SilmaraDelaSilva.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019.
- FERREIRA, M. C. L. Discurso, arquivo e corpo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA SILVA, S. (org.). *Discurso, arquivo e...* Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 174-183.

GARCIA, D. A.; LUNKES, F. L.; DELA-SILVA, S. O sujeito mulher no poder e(m) processos de silenciamento. *Anais do VIII SEAD: o político na Análise do Discurso*. Disponível em: [http://anaisdosead.com.br/8SEAD/SIMPOSIOS/SIMPOSIO%20I\\_DGarcia%20e%20FLunkes%20e%20SSilva.pdf](http://anaisdosead.com.br/8SEAD/SIMPOSIOS/SIMPOSIO%20I_DGarcia%20e%20FLunkes%20e%20SSilva.pdf). Acesso em: 01 ago. 2019.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. p.123-134.

KEHL, M. R. *Deslocamento do feminino: a mulher freudiana na passagem para a Modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

MIGUEL, L. F. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGOS, E. S. (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-26.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

PACÍFICO, S.M.R.; ROMÃO, L.M.S. A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino. *Em questão*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 73-90, jan./jul. 2006.

PÊCHEUX, M. [1983]. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2010. p. 49-58.

PÊCHEUX, M. [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. Tradução de: *Les vérités de La Palice*, 1975.

PÊCHEUX, M. [1969]. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia Mariani et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.